



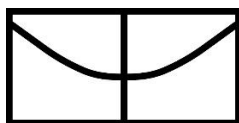
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC

SOPHIA COSTA SERRA



Brasília, DF

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO – FAC

Sophia Costa Serra

RAÍZES: O CABELO COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES
NEGRAS

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, sob a orientação da professora Selma Regina Nunes Oliveira.

Brasília, DF

2016

RAÍZES: O CABELO COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES NEGRAS

Sophia Costa Serra

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, sob a orientação da professora Selma Regina Nunes Oliveira.

Aprovado pela banca examinadora em Junho de 2016

Professora Selma Regina
Orientadora

Professora Marjorie Nogueira
Examinadora

Professor Wagner Rizzo
Examinador

Professora Gabriela Freitas
Examinador Suplente

Dedico esse trabalho a todas as minhas irmãs pretas que sofreram (e sofrem) por causa do nosso cabelo crespo e, ainda assim, assumem e resistem. Nós por nós!

AGRADECIMENTO

Quando comecei a pensar nesse projeto já sabia que precisaria da ajuda de muita gente. Dito e feito. Esse trabalho não teria saído do papel se não fossem todas as pessoas que me ajudaram, apoiaram e acreditaram.

Primeiramente gostaria de agradecer três professoras que me ajudaram muito na parte teórica, no direcionamento do meu tema e na vida: Renísia Garcia, Ana Luiza Flauzina e Marjorie Nogueira. As únicas professoras negras que tive durante toda minha graduação. Vocês me inspiraram e continuam inspirando. Obrigada pelas aulas e obrigada por resistirem.

Também gostaria de agradecer ao Caio Mota que esteve comigo durante a parte mais difícil que foi a escolha das poses, cabelos, roupas e o momento das fotos em si. Você foi meu braço direito e esquerdo. Obrigada pelas poses, pelas técnicas teatrais, pelas críticas, pela produção e pela edição. Obrigada por ser tão paciente, pela sintonia incrível e por ser tão absurdamente empolgado. Quando for a sua vez, estou à disposição.

Obrigada as minhas 11 modelos maravilhosas: Lorena, Stella, Nonny, Manu, Helena, Lud, Flavia, Laiana, Monica, Jacira e Bia. O momento das fotos foi maravilhoso e me fez querer ter vocês na minha vida sempre. Esse trabalho é sobre nós e para nós. Obrigada por aceitarem participar e, principalmente, por acreditar.

Masma querida, a melhor maquiadora do Brasil! Obrigada demais pelo apoio e parceria. Você é incrível e tem um talento nato. Espero que esse trabalho tenha sido enriquecedor pra você. Obrigada por ter conseguido transmitir nas maquiagens toda a força, e poder que eu buscava para as personagens.

Afrikanus, Preta Flor e Nega Fulô, o apoio de vocês foi essencial. Vida longa ao afroempreendedorismo!

Seu Isaias, Rogério e Rosa, obrigada por toda preocupação e ajuda e por me acalmarem sempre que necessário. Não sei o que seria dessa faculdade sem vocês.

Um super, hiper, ultra mega obrigada para a minha produtora Marina Ximenes que aceitou o desafio de montar uma exposição em apenas um mês. Obrigada pelas ideias,

pelas idas ao taguacenter, por toda a experiência, por ter me ajudado a fazer tudo acontecer e por ficar feliz por cada pequena vitória.

Obrigada mãe e pai que, apesar dos pesares, sempre se orgulham de mim e apoiam como podem. Mãe, obrigada pelas comidas que as pessoas não paravam de comer. Pai, obrigada por subir nas árvores e deixar tudo exatamente do jeito que eu queria. Obrigada Murillo por ser um irmão tão querido e companheiro. Espero continuar sendo seu exemplo para o resto da vida.

Obrigada Selma por ser uma orientadora tão boa. Obrigada pelo livro, pelas referências, pelas dicas, pela confiança e por ter me mandado desenhar foto por foto antes delas serem tiradas. Wagner, obrigada por ter sido um dos professores mais marcantes da minha graduação. Seus ensinamentos eu vou levar pra vida.

Ao melhor namorado do mundo, Henrique Bawden, obrigada. Por estar comigo em todas as etapas, ajudando quando podia ou só ficando do meu lado dando apoio emocional, por segurar minha mão e dizer que ia dar tudo certo, por não me deixar ficar desesperada, por ser meu motorista e por pagar lanche pra galera. Obrigada pelos sacos de lixo no momento crucial e por toda a preocupação. Te amo por isso e por tudo.

Por fim, obrigada mulheres negras. Nós somos lindas, poderosas, deusas, rainhas e guerreiras. Vamos continuar resistindo e ganhando o mundo. Nós por nós!

*“Quem disse que cabelo não sente
Quem disse que cabelo não gosta de pente
Cabelo quando cresce é tempo
Cabelo embaraçado é vento
Cabelo vem lá de dentro
Cabelo é como pensamento”*

(Gal Costa)

RESUMO

O presente produto tem como objetivo examinar o papel do cabelo afro na construção da identidade das mulheres negras e como a aceitação desse cabelo possibilita uma autoimagem positiva. O objetivo é mostrar o que acontece quando essas mulheres negras que foram ensinadas a sentir vergonha de suas raízes passam à aceita-las e vê-las com orgulho. Na construção de um cenário propício ao entendimento do objeto, apresenta-se o contexto histórico-social do afro-brasileiro com a influência do ideal do embranquecimento racial, e seus desdobramentos na compreensão do cabelo crespo. O produto final é um ensaio fotográfico e, para que ele tivesse profundidade e consistência, foram levantadas e examinadas questões acerca do tema escolhido: o cabelo das mulheres negras. O ensaio fotográfico foi realizado com 12 mulheres negras, que foram representadas empoderadas como rainhas, deusas e guerreiras, com uma leitura a partir da força do significado de seus cabelos.

Palavras-Chave: Negra; Cabelo; Africanidade; Fotografia; Personagem; Empoderamento;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
3. JUSTIFICATIVA.....	13
4. OBJETIVOS.....	15
5. METODOLOGIA.....	16
5.1 Desenhos e Biografias.....	19
5.2 Nuvem de Palavras.....	25
5.3 Diagrama de Luz.....	25
6. REFERENCIAL TEÓRICO.....	26
6.1 Identidade.....	26
6.2 Identidade Negra	27
6.3 Raça X Etnia.....	28
6.4 Racismo.....	29
6.5 Democracia Racial.....	30
6.6 Negro, Corpo e Cabelo: Rejeição, ressignificação e aceitação.....	31
6.7 Africanidade.....	33
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
8. REFERÊNCIAS.....	36
9. ANEXOS	38
9.1 Orçamento e Cronograma.....	38
9.2 Pinterest.....	40
9.3 Making Of.....	41
9.4 Facebook.....	43
9.5 Mídia.....	49
9.6 Livro de assinatura.....	53
9.7 Exposição.....	53
9.8 Fotos Finais.....	58
9.9 Ficha Técnica.....	70

1. INTRODUÇÃO

*“Oh cabelo, cabelo meu
Tão belo, tão poderoso, tão eu
Oh cabelo, cabelo meu
Se você não fosse meu eu não seria tão eu”
(Natura)*

As características perceptíveis do corpo humano como a cor da pele, a textura dos cabelos, o formato do nariz e dos lábios estão diretamente relacionados com a construção das teorias racialistas¹. Essa teoria é definida pela hierarquização das chamadas raças brancas, amarelas e negras, sendo que a cor preta é tida pelos racistas² como uma essência que tinge de forma negativa as qualidades morais, intelectuais e estéticas do indivíduo.

Desde a construção da ideologia racialista, a cor branca nunca deixou de ser vista como referencial de beleza. Por causa de pressões psicológicas e da perceptível dominação racial de um grupo sobre o outro, os negros introjetaram a feiura dos seus corpos forjadas contra eles (através de imagens da televisão, propagandas, contos, fábulas, textos históricos, dentre outros) enquanto os brancos internalizaram a beleza dos seus que era forjada a seu favor.

Sabe-se que o corpo e os atributos ligados a ele são a base e o suporte para qualquer processo de construção de identidade. Ora, se os negros introjetam que sua identidade corporal é inferior, é necessário rever a imagem negativa do corpo negro através de um processo de desconstrução da imagem pré-estabelecida e a construção de uma nova imagem positiva. (GOMES, 2008, p.15)

O cabelo, que pertence ao mesmo tempo à vida pública e à privada, é um dos traços fenotípicos mais marcantes e evidentes de nossa ancestralidade, denotando nosso status e

¹ As teorias racialistas surgiram no século XIX e também são conhecidas como racismo científico. Deram “status” científico às desigualdades entre os seres humanos e através do conceito de “raça” puderam classificar a humanidade.

² Racismo é a convicção sobre a superioridade de determinadas raças, com base em diferentes motivações, em especial as características físicas. Consiste em uma atitude depreciativa não baseada em critérios científicos em relação a algum grupo social ou étnico. Racista é uma pessoa que pratica racismo.

pertencimento social. (SYNNOTT, 2002). Ou seja, ele é uma ferramenta utilizada tanto na performance individual quanto na performance coletiva.

Por esse motivo a ciência já utilizou bastante o cabelo como forma de identificação de raças, por ser um elemento mais fácil de ser analisado e por ser visualmente impactante, o que permite avaliá-lo e identificá-lo mais rapidamente. Essas avaliações possibilitaram categorizações e qualificações, que geraram as já citadas anteriormente teorias de hierarquização racial. Conforme exposto por Sarah Cheang (2008), “Características capilares, juntamente com a cor dos olhos e da pele, eram tratados como indicadores primários de identidade racial nos séculos dezenove e vinte”. (CHEANG, 2008, p. 29)

Ou seja, desde o século XIX, o cabelo liso do branco europeu vem sendo associado a características positivas – o cabelo “bom” – enquanto o cabelo crespo do negro africano vem sendo associado a características negativas – o cabelo “ruim” – categorizando crespos como inferiores a lisos.

Existe um processo de ressignificação do ser negro através da estética. Ao apelarem para a África como a essência da negritude e de unificação racial, os movimentos negros que surgiram nos anos 60 construíram o discurso da naturalidade da estética negra e de todos os atributos físicos que julgavam aproximar o negro da diáspora dos seus ancestrais africanos. O cabelo é, nesse momento, reforçado como ícone identitário e cultural (GOMES, 2008, p.199). Estética também é política, principalmente se tratando das mulheres negras brasileiras.

É importante perceber que na África, mesmo com as lutas e disputas e discordâncias étnicas, ser negro era ser livre e, mais, era ser humano. O cabelo do negro era símbolo de força e de energia. Com o processo da escravidão, ser negro passa a ser confundido com ser escravo, objeto e propriedade de outro. O seu corpo serve agora para trabalhar e satisfazer os desejos e necessidades do branco. O seu cabelo e seu padrão estético são relegados a lugar de feiúra, e para se tornar belo ele deverá ter a aparência transformada, ou seja, deverá tornar-se liso. Não há como negar a influência desse processo na construção da autoestima e na configuração da identidade negra das novas gerações. (GOMES, 2008, p.319)

A partir daí, a manipulação do cabelo do negro pode ser vista como uma sensibilidade de origem africana implícita na construção simbólica da identidade do negro da diáspora. Apesar das contradições e de ter sido “plantada” e “replantada” em condições adversas, a africanidade recriada no Brasil e que compõe a identidade do negro brasileiro continua sendo uma característica marcante. De acordo com Gomes (2008, p.176) a planta originada dessa raiz certamente não terá a mesma aparência que o tubérculo que a originou, mas ambas continuam sendo parte uma da outra, e uma não subsiste sem a outra.

Essa temática foi escolhida por ser lugar comum das mulheres negras. Em maiores ou menores proporções, o cabelo para as mulheres negras é sempre algo aflitivo. Além disso, é de extrema importância esse caminho de volta que está sendo feito. As mulheres negras estão se empoderando, passando a amar, tocar e conhecer seus cabelos. Tal ato em meio a anos de negação e exclusão em uma sociedade eurocêntrica e extremamente racista representa a resistência e a força dessas mulheres. Para mulheres negras, até o amor próprio, que lhe foi negado por tantos séculos, significa resistência.

O produto apresenta inicialmente uma análise bibliográfica sobre cabelo e toda a temática que permeia a construção e olhar negativo sobre ele. Foram tratadas questões como racismo, mito da democracia racial, identidade negra, aceitação e negação do corpo negro e africanidade. Posteriormente foi realizada uma pesquisa sobre mulheres africanas fortes para ajudar na construção das personagens do ensaio fotográfico. Orixás, rainhas e guerreiras africanas foram inspiração para a construção das doze personagens. Cada uma recebeu uma biografia e cada movimento e elemento presente na foto tem algo relacionado com a personalidade da personagem em questão.

Ao mesmo tempo em que o objetivo era representar essas mulheres negras como personagens, a ideia é mostrar que, interiormente, a mulher negra pode ser cada uma daquelas personagens e o cabelo é um dos facilitadores para que essas mulheres enxerguem isso.

Por fim, a ideia desse produto é mostrar que as mulheres negras são belas e que seu cabelo representa, além de beleza, força e resistência. O cabelo é parte essencial de quem a pessoa é e como ela se mostra para o mundo e esse é um manifesto para mostrar para a sociedade que o cabelo crespo não é ruim, não precisa ser alisado e tem que ser respeitado.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

“Tendo um cabelo tão bom, cheio de cacho em movimento, cheio de armação, emaranhado, crespura e bom comportamento, grito bem alto: Sim? Qual foi o idiota que concluiu que meu cabelo é ruim? Qual foi o otário equivocado que decidiu estar errado o meu cabelo enrolado? Ruim pra quê? Ruim pra quem?”

(Milionário do Sonho - Emicida)

O surgimento dessa temática parte de um lugar de fala pessoal. Eu, como mulher negra, tive uma relação muito conturbada com meu cabelo desde a infância. Foi uma relação que deixou marcas dolorosas. A sociedade me fazia acreditar que meu cabelo era ruim, que deveria ser arrumado e que, por mais que eu tentasse esconder minha raiz, eu sempre seria inferior a pessoas de cabelo liso. Quando eu voltei a usar meu cabelo natural, a conhecer minha textura, eu passei a me amar e a entender a força que meu cabelo representava.

A minha inquietação começou a partir do momento que eu percebi que eu não era um caso isolado e que a minha história se repetia entre as mulheres negras. Comecei a perceber que muitas mulheres negras quando voltavam a ter contato com a sua textura natural mudavam a sua autoimagem completamente. A forma com que elas se viam e até suas referências de beleza mudavam. O que começava como estético, se mostrava político também.

O cabelo não só faz parte do corpo biológico, como também do corpo social. Além disso, é também um meio de expressão e símbolo de resistência cultural. A conscientização dos aspectos positivos e das possibilidades do cabelo faz parte do processo de reabilitação do corpo negro e auxilia na desconstrução das representações negativas presentes no imaginário coletivo.

A partir daí o principal questionamento é se o cabelo crespo é capaz de dar possibilidade de construção da identidade das mulheres negras. A ideia é analisar o processo de retorno. Quando essas mulheres fazem o caminho de volta, isso as afeta? Muda sua visão de mundo? Como ela passa a ver a si mesma? São os principais questionamentos e pontos de atenção.

3. JUSTIFICATIVA

“Primeiro o ferro marca a violência nas costas. Depois o ferro alisa a vergonha nos cabelos. Na verdade o que se precisa é jogar o ferro fora e quebrar todos os elos dessa corrente de desesperos”.

(Cutí)

Ainda hoje vivemos em uma sociedade em que a mulher negra é invisibilizada, ignorada e negligenciada. Tanto na televisão, quanto nas propagandas, quando aparece, é para reforçar estereótipos, para cumprir “cota” ou para ser hiperssexualizada. Os produtos de beleza em sua maioria ignoram a existência de diversos tons de pele negra e focam nos tons voltados para pele branca. Enquanto existem inúmeros tons de base para a pele branca, existem apenas três ou quatro para a pele negra. É como se a mulher negra não existisse, não tivesse suas particularidades e diversas tonalidades. É a grande ironia de os negros serem tratados como minoria sendo que formam 52,9% da população brasileira, segundo o IBGE.

Quando a questão é o cabelo, o assunto complica ainda mais. Desde de criança, as mulheres negras não se veem nas revistas, nos outdoors, nos desenhos, na televisão. O que elas veem em todos os lugares são mulheres brancas e seus cabelos lisos. Elas crescem introjetando que o belo é aquela imagem que lhe é imposta o tempo todo e que em nada tem a ver com a sua própria imagem. Seus lábios grossos, seu nariz avantajado, sua pele escura e seu cabelo crespo estão totalmente errados. Começam então um processo de branqueamento. Os cabelos são alisados e os traços amenizados, em uma tentativa latente de serem aceitas e se sentirem bonitas.

Com a internet a democratização da fala é possível. Pessoas que não teriam espaço na grande mídia, na internet podem falar e serem ouvidas. O que pode ser percebido é que há um grande movimento de empoderamento das mulheres negras.

Se na mídia tradicional (jornais, revistas, propagandas de televisão) não há espaço para a mulher negra, a internet criou esse espaço. São vários blogs³, vlogs⁴ e grupos do Facebook que oferecem ajuda e apoio mútuo, que mostram para a mulher negra que não, ela não está sozinha e que ali tem pessoas que já passaram e passam pelo mesmo que ela. Ali é um espaço onde a mulher negra, antes tão invisibilizada e sozinha pode encontrar suas iguais. Pode-se citar como exemplo o grupo do facebook Cacheadas em Transição e o vlog Rosajorosa.

O processo de formação da identidade é, sobretudo, uma troca de informações estabelecida com o meio. Dito isso, os indivíduos estão em constante adaptação aos padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Segundo Vygotsky (1988), tanto as atitudes, os comportamentos quanto as preferências, os padrões estéticos estão impregnados pelos discursos do outro. Por mais individual que o ser humano tente ser, a sua identidade é construída pela troca com o meio.

Como mulher negra e tendo passado por todo esse processo, acredito que o processo de branqueamento e de autonegação começa com a não aceitação do próprio cabelo. A modificação e mutilação da sua forma natural em prol de se encaixar em um padrão eurocêntrico. Uma tentativa de apagamento da identidade. É necessário problematizar essas formas de violência que coagem a mulher negra a rejeitar quem é e aquilo que caracteriza sua identidade.

Esse é assunto negligenciado e que precisa ser falado. E ele precisa ser falado por uma mulher negra. A problematização das características negativas atribuídas ao corpo negro tem que ser feita pelos próprios negros. É extremamente necessário que o negro fale sobre si mesmo, que reflita sobre as construções que permeiam sua existência e, se necessário, as desconstruam. Em segundo lugar, é um trabalho importante para mostrar a beleza negra. O meio publicitário ainda é majoritariamente branco, as modelos são brancas e o ideal de beleza é branco. Foram feitas fotos com doze mulheres negras para mostrando a inegável beleza que a sociedade insiste em dizer que não existe.

³ Simplificação do termo inglês weblog. Web significa rede (da internet) enquanto que log é utilizado para designar o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Numa tradução livre, blog é definido como diário online.

⁴ Videoblog. O conteúdo predominante é passado através do formato de vídeo.

4. OBJETIVO

*“Ontem sentada em frente ao espelho
Resolvi amar os meus cabelos
Susurrei seu nome com zelo
Esperei ela se sentar

Ela se achegou sem receio
Recostou minha cabeça em seu peito
Começou a pentear

A cada mecha, a cada trança
Uma memória, uma lembrança
Que o medo não pode apagar”*

(Aline Djokic)

4.1 Geral: Analisar o processo de descoberta e construção da identidade das mulheres negras.

4.2 Específico

1. Abalizar o racismo institucionalizado no Brasil;
2. Problematicar o branqueamento racial;
3. Dissertar sobre o mito da democracia racial;
4. Refletir sobre o cabelo como ato político;
5. Explicitar a construção da identidade negra;
6. Exemplificar as várias possibilidades do cabelo crespo;
7. Exaltar a beleza das mulheres negras;
8. Mostrar o poder que a mulher negra tem.

5. METODOLOGIA

*“As vezes me perguntam
Por que falo tanto da Africa
Se lá nunca estive
Por que sinto tantas saudades
Se de lá nunca parti

Eu respondo com a certeza
De quem nunca se sentiu assim:
Nunca estive na África
Mas a África sempre esteve em mim

(Débora Garcia)*

O trabalho foi dividido em três partes: análise bibliográfica, ensaio fotográfico e exposição.

A primeira parte consistiu na análise de livros, artigos e dissertações. Além disso foram estudados textos de blogs voltados para o cabelo crespo e empoderamento das mulheres negras. Essa parte da pesquisa durou seis meses e possibilitou um aprofundamento maior no assunto e contato com vários autores conceituados que falavam sobre o cabelo e sua importância na construção da identidade.

A segunda parte começou quando a pesquisa bibliográfica já estava terminada. O primeiro passo foi a definição de um conceito para o ensaio fotográfico. Para chegar ao conceito, pensei em momentos da vida das mulheres negras em que elas se sentem bem e felizes consigo mesma e formulei uma nuvem de palavras que resumisse tudo o que eu queria passar com o ensaio. Isso me ajudou a ter uma ideia mais ampla de onde eu queria chegar. O conceito definido foi: poder que vem de dentro.

Em seguida decidi o tema Raízes, que se refere tanto à raiz dos cabelos quanto a raiz africana, que os negros da diáspora estão sempre tentando resgatar para se afirmar. O número de mulheres para o ensaio foi decidido antes das personagens: 12. O número doze é interpretado como centro essência dos objetos e, muitas vezes, representa o final de um ciclo (12 meses do ano, 12 signos, 12 apóstolos). Esse número foi escolhido para passar

a ideia de que no centro da formação da identidade das mulheres negras está o cabelo e que quando a mulher assume a força que ele representa, ela finaliza esse ciclo de auto rejeição e passa a se empoderar e se amar do jeito que ela é. Depois comecei a fazer uma pesquisa sobre mulheres negras fortes: rainhas, guerreira, militantes, e decidi que minhas personagens seriam deusas, rainhas e guerreiras. Em seguida fiz uma biografia pra cada personagem, dando nome, descrevendo suas características e estilo de vida. Depois desenhei as doze personagens em suas respectivas poses, suas roupas e penteados, possibilitando assim uma melhor visualização do resultado final.

Cada estilo de cabelo, vestimenta e adereços foram escolhidos de acordo com a categoria da personagem para criar uma unidade. Todas as deusas apresentam gargantilha dourada. Todas as rainhas têm cabelos imponentes e um olhar superior. Todas as guerreiras estão em poses combativas e com a forte presença de pinturas douradas ou brancas. Acessórios dourados estão em todas, com o objetivo de trazer a ideia de poder, independente de qual personagem seja.

As sessões de fotos foram realizadas no estúdio de fotografia da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e tiveram duração de dois finais de semana. Foram fotografadas três modelos por dia e tanto o penteado, como a maquiagem e a produção do vestuário eram feitos na hora. Houveram pessoas diferentes responsáveis por cada um desses setores (maquiagem, cabelo e produção) para que o trabalho ficasse mais fluido.

Para as fotos foram utilizadas uma câmera Canon T5i e lente 50mm. Para o making of foi utilizada câmera Canon T3i e lente 18-55mm com flash acoplado. Para a luz foram utilizados três softbox, sendo dois vindo de cima, um de baixo, uma luz de contra e um rebatedor.

Em todas essas etapas utilizei o Pinterest⁵ como ferramenta de armazenamento de referências. Decidi que as fotos seriam em plano médio para que o foco ficasse no cabelo, mas para que também fosse possível adicionar alguns elementos de vestuário. A escolha do fundo foi juta, por causa do ar rústico que ela transmite e por ter uma cor puxada para o marrom que lembra terra. Em seguida pensei em qual atmosfera eu gostaria de passar nas fotos e, conseqüentemente, no diagrama de luz. Como o foco tinha que ser no cabelo,

⁵ Rede social de compartilhamento de fotos. Assemelha-se a um quadro de inspirações onde os usuários podem compartilhar e gerenciar imagens temáticas.

o foco de luz maior se encontra na parte superior da foto, enquanto a parte inferior é mais escura. Dessa forma o olhar da pessoa é direcionado para o cabelo, que é o ponto central da imagem.

A terceira parte, depois das fotos prontas e editadas, foi a organização da exposição. Dentre vários locais, escolhi um ao ar livre (Co-Piloto), onde seria possível pendurar as fotos e adicionar vários elementos manuais como: placas de madeira com poesia fincadas no chão, pentes-garfo pendurados nas árvores, painel decorativo com palavras que resumiam a exposição, livro para as pessoas assinarem e deixarem suas impressões, além de um coquetel de pães, mini tapiocas, patês e sucos, uma Dj e três expositoras de produtos afros.

As fotos foram impressas em papel fotográfico tamanho 50x75cm com laminação fosca. Em seguida elas foram coladas em placas de PVC branco para ficarem firmes e terem uma moldura. As placas de PVC foram furadas em três pontos diferentes para que fosse possível pendurar as fotos e fazer um contrapeso. As fotos foram todas penduradas em árvores com cordas de sisal.

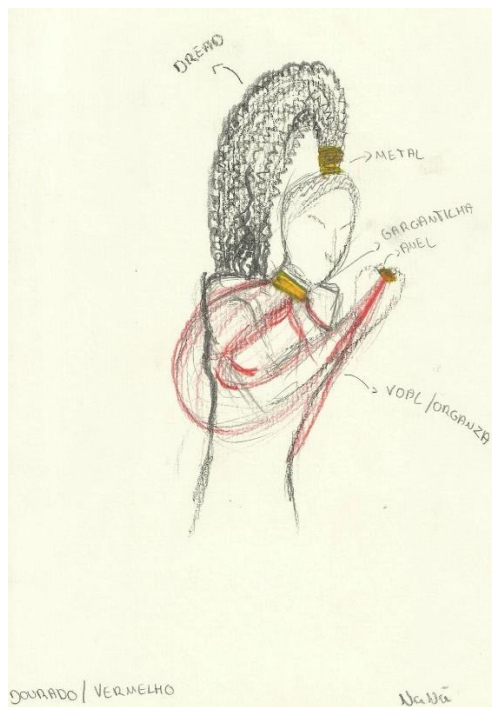
Na parede estava a logo do projeto e tanto as plaquinhas com as poesias, quanto a placa de abertura e o livro de assinatura tinha a mesma identidade visual que foi criada para o projeto e que foi utilizada para a divulgação. A logo, a placa de abertura, as placas com as poesias e os pente-garfos foram todos feitos de PVC branco e adesivados.

A exposição iniciava com um texto de abertura que estava em um cavalete ao lado de uma árvore decorada com pisca-pisca e pentes-garfos pendurados. As outras árvores também estavam decoradas com pisca-pisca com o objetivo de criar uma atmosfera mais aconchegante. As plaquinhas com as poesias guiavam o caminho por onde a pessoa deveria começar e onde deveria terminar.

As mesas da comida foram decoradas com juta, o mesmo tecido usado no fundo das fotos do ensaio. Essa escolha de local e montagem foi feita devido ao conceito do ensaio e dos elementos usados nas fotos. Uma exposição ao ar livre, com árvores e terra está intrinsicamente relacionada com o conceito de Raíces.

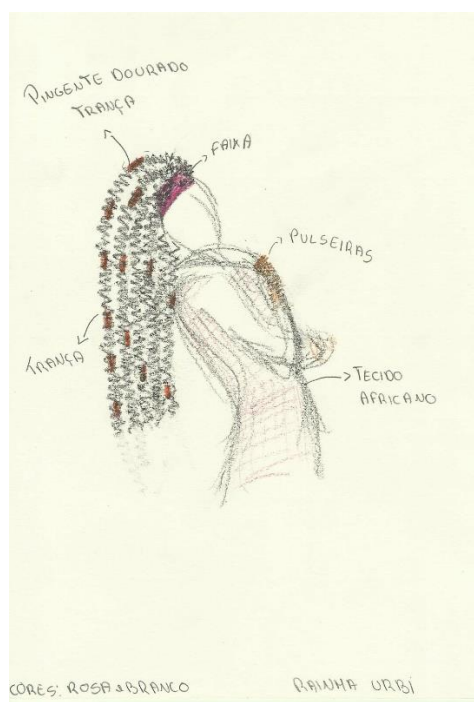
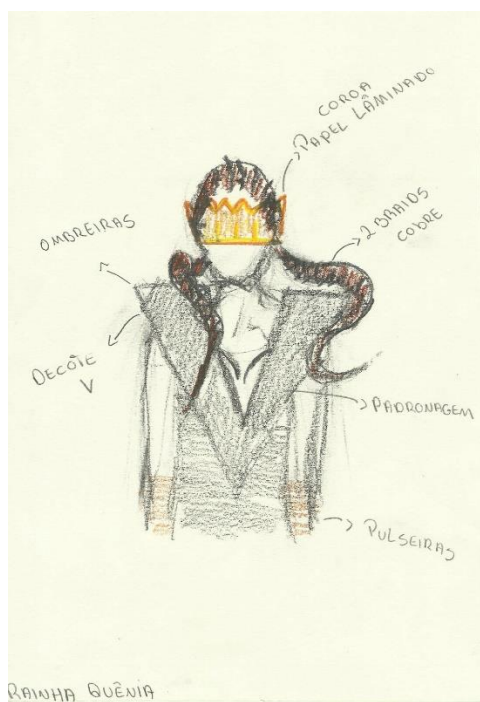
5.1 Desenhos e Biografias

Deusas:



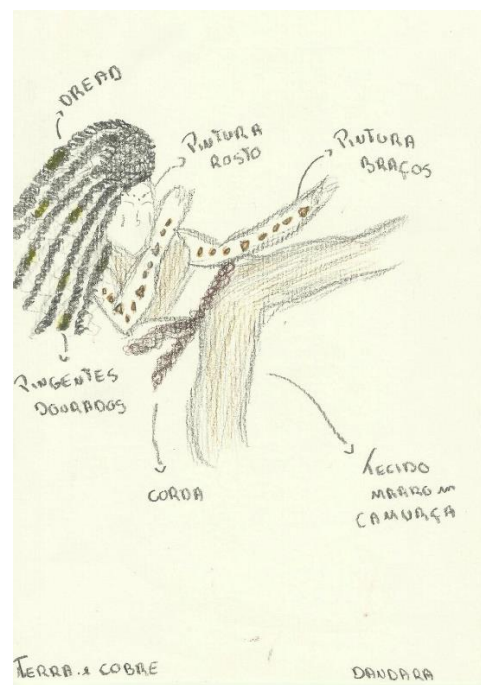
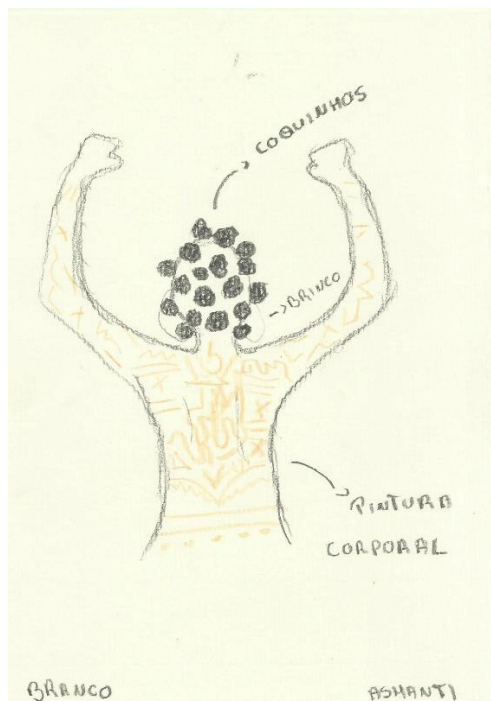
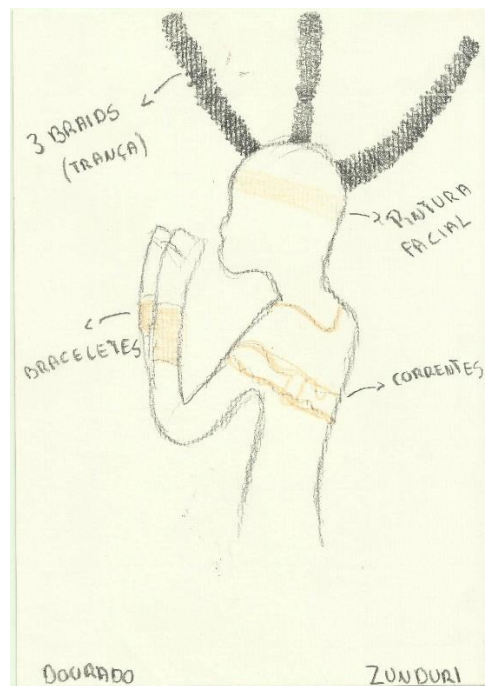
Nome	Personagem	Biografia
Oxum	Deusa	É a deusa da beleza, da fertilidade e do amor, é a rainha da água doce, dona dos rios e das cachoeiras. Oxum é a segunda esposa de Xangô e representa a sabedoria e o poder feminino. Além disso, é vista como deusa do ouro e do jogo de búzios. É uma mulher graciosa e elegante, que tem predileção por joias, perfumes e roupas. Oxum determina seus próprios limites. Bonita, extremamente vaidosa, carrega sempre um espelho na mão e frequentemente encanta-se com a própria beleza. Ela é cheia de defeitos e virtudes. Oxum é a soma de todas as qualidades boas e ruins de um ser. É alegria, riqueza e harmonia, mas com uma certa dosagem de desarmonia.
Iansã	Deusa	É uma das orixás femininas mais imponentes e poderosas. É a deusa guerreira dos ventos, furacões e tempestades e tem um temperamento forte e independente. Inicialmente se chamava Oyá e recebeu o nome Iansã de Xangô. Esse título faz referência ao entardecer, Iansã pode ser traduzido como "a mãe do céu rosado" ou "a mãe do entardecer".
Obá	Deusa	Obá representa as águas revoltas dos rios e controla o barro, água parada, lama, lodo e as enchentes. Luta pelos direitos da mulher com dignidade. Em uma sociedade machista em que a mulher era apenas acessório, Obá não se deixou escravizar e nem utilizou magia ou artimanhas, decidiu lutar com os homens de igual pra igual. Lutou contra inúmeros Orixás, derrotou vários deles e tornou-se temida por todos os deuses. Cortou a própria orelha por amor a Xangô e por causa disso sempre se mostra tampando o defeito, porém sem nunca perder a força e a presença de espírito.
Nanã	Deusa	Vaidosa, desprezou um filho por ter doença de pele. Por causa disso foi expulsa do reino por Yemanjá e foi obrigada a viver em um pântano escuro e sombrio. É a orixá das águas paradas e suas roupas parecem banhadas em sangue. Nanã tornou-se uma das Iyabás mais temidas, tanto que, em algumas tribos, quando seu nome era pronunciado, todos se jogavam ao chão. É protetora dos idosos, desabrigados, doentes e deficientes visuais. É considerada uma divindade hermafrodita e tem forte ligação com a morte.

Rainhas:



Nome	Personagem	Biografia
Quênia	Rainha	Seu pai era rei e ficou doente, então Quênia, a filha mais velha, subiu ao poder com o intuito de reinar até seu irmão atingir a idade certa. Porém alguns anos antes de completar a idade para assumir o trono, seu irmão sumiu de forma misteriosa. Durante seu reinado, vários homens tentaram tomar seu trono, pedindo sua mão em casamento, mas ela rejeitou todos e permaneceu líder inabalável daquela nação. Quênia tinha um temperamento forte, era determinada, ambiciosa e extremamente persuasiva. Para ajudar a aumentar sua popularidade com o povo do Egito, construiu vários templos e pirâmides grandiosas. Ela era extremamente habilidosa e sabia disso, tanto que deu a si própria o título de soberana do Egito
Makeda	Rainha	Em Sabá as mulheres e os homens possuíam praticamente os mesmos direitos, por isso, a coroação de Makeda foi muito festejada pelos súditos. A única coisa que fazia a diferença entre homens e mulheres em seus direitos era a determinação religiosa de a rainha manter-se virgem. Como uma boa seguidora dos costumes de seu povo, aceitou conformada. Já que não poderia jamais deliciar-se dos prazeres carnavais, dedicou-se ao estudo da filosofia e do misticismo. Seu reinado esbanjou luxo e riqueza. Era comunicativa e muito querida por todos.
Nzinga	Rainha	Ficou conhecida como a incapturável. Nzinga era uma diplomata e líder militar. Em meio à guerra, Nzinga primeiramente tentou negociar a paz. Sendo enganada pelos Portugueses ela se mostrou extremamente combativa e liderou uma guerra durante quase trinta anos. Viveu sua vida em prol da paz e da liberdade do seu povo. O Estado dirigido por Nzinga tinha uma estrutura burocrática acessível tanto a homens como a mulheres. Os principais critérios para acesso aos cargos e a promoção eram o merecimento e a lealdade. Tinha a justiça como uma de suas principais características.
Urbi	Rainha	Sábia e muito bela, capturou o coração do faraó e mudou o curso da história. O faraó expressou publicamente de várias maneiras seu amor por sua linda rainha negra, fazendo dela uma pessoa célebre e rica em seus próprios direitos. Ele tomava vários conselhos dela em assuntos políticos e militares. Persuasiva, esbelta e imponente, Urbi esbanja feminilidade e força.

Guerreiras:

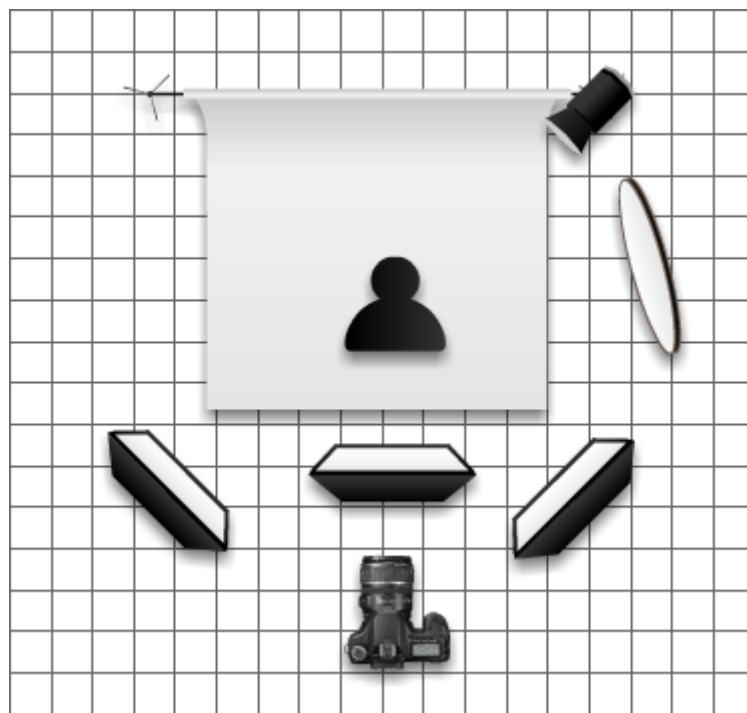


Nome	Personagem	Biografia
Zunduri	Guerreira	Zunduri fazia parte de um exército formado só por mulheres e a crueldade ao lutar era sua marca registrada. O único propósito destas guerreiras era a guerra. Ela foi educada e treinada para a luta. Não podia ter filhos ou se casar e suas habilidades físicas superavam os guerreiros homens. Após as batalhas, bebia o sangue de seus inimigos e, em seguida, expunham suas cabeças como um troféu de guerra.
Nehanda	Guerreira	Nascida em família religiosa, Nehanda exibiu habilidades organizacionais e liderança notável. Estava à frente de vários homens e comandava com destreza seu exército. Era decidida e assertiva, ágil e uma líder nata. Ainda jovem se tornou uma das líderes religiosas mais influentes do Zimbábue. É considerada a pessoa mais importante na história moderna do Zimbábue.
Dandara	Guerreira	Dandara foi uma guerreira negra do período colonial, foi esposa de Zumbi e com ele teve três filhos. Dandara dominava técnicas da capoeira e lutou ao lado de homens e mulheres nas muitas batalhas e ataques a Palmares. Era muito hábil e dominava a técnica da capoeira como ninguém. Forte e resignada, Dandara resistia. Só pensava em libertar seus irmãos negros e colocava isso como sua prioridade máxima.
Ashanti	Guerreira	Essa guerreira vivia em uma sociedade matriarcal em Gana. Quando os invasores brancos chegaram querendo dominar suas terras, os homens dali se acovardaram. Ashanti ficou revoltada e disse que se eles que eram homens não iriam, ela iria. Ela chamaria suas companheiras e lutaria até a última mulher cair. Os homens se sentiram motivados por essa fala e decidiram ir para a guerra. Ashanti liderou o exército. Era determinada e não tinha medo da morte. Forte e habilidosa, sua atitude demonstrava poder. Conduziu todo um exército e foi a última mulher a liderar uma tropa militar.

5.2 Nuvem de palavras



5.3 Diagrama de Luz



6. REFERENCIAL TEÓRICO

6.1 Identidade

Segundo Philip Glesdon (1980), apesar do grande número de produções existentes e apesar de todos os esforços, ainda não é possível obter uma resposta satisfatória à pergunta: o que é identidade? O problema é que o termo se popularizou e isso acabou transformando seu significado em algo cada vez mais difuso e próximo de um clichê.

De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si e a definição dos outros têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994: 177-178).

A identidade não nasce com o indivíduo, ela não é inata. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. Ou seja, a identidade não está presa na esfera cultural, envolvendo também os níveis sócio-políticos e históricos de cada sociedade. A ideia que um indivíduo tem dele mesmo é intermediada por meio do reconhecimento dos outros. Nenhuma identidade se constrói no isolamento, ela depende das relações estabelecidas.

A antropóloga Silvia Novaes (1993) diz que:

É importante perceber que o conceito de identidade deve ser investigado e analisado não porque os antropólogos decretaram sua importância, mas porque ele é um conceito vital para os grupos sociais contemporâneos que o reivindicam (NOVAES, 1993: 24).

A ênfase na identidade acaba por resultar na ênfase da diferença. Ao mesmo tempo que a busca pela identidade consiste em afirmar a diferença de determinado grupo do resto da sociedade, tem também a intenção de aproximar as pessoas do mesmo grupo por meio de suas semelhanças. Esse trabalho envolvendo diferenças e semelhanças faz com que exista a articulação entre poder e cultura, pois “é exatamente no domínio da cultura que estes grupos resgatam sua autonomia e reafirmam a sua diferença” (NOVAES, 1993: 27).

6.2 Identidade Negra

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode ser vista como um processo mais complexo advindo da construção da identidade. É um processo que possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas e que se constroem na vida social. Reconhecer-se negro supõe, portanto, responder afirmativamente a questionamentos e estabelecer um sentido de pertencimento a um determinado grupo.

Quando se fala em identidade, parte-se do pressuposto que o próprio indivíduo se reconheceu ali. É necessário uma auto aceitação para que a identidade seja construída e é por isso que ela possui esse caráter fragmentado, instável, histórico e plural. As identidades são transitórias e contingentes. (LOURO, 1999).

A identidade negra se constrói gradativamente e envolve inúmeras variáveis. Está diretamente relacionada com a família e, mais a frente, com as outras relações sociais que o indivíduo estabelece ao longo de sua vida. Sua construção implica o olhar de um grupo étnico/racial sobre si mesmos a partir da relação com o outro.

Segundo Nilma Lino Gomes (2008):

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). (ALGUNS TERMOS E CONCEITOS PRESENTES NO DEBATE SOBRE RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL, 2008: 43).

No Brasil para entender a construção da identidade negra é preciso considerá-la sobretudo no seu sentido político, como uma:

tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil. (MUNANGA, 1994: 187).

Munanga afirma que enquanto as pessoas ditas de direita acusam os negros em busca da afirmação da sua identidade de criar falsos problemas ao falar de identidade numa sociedade culturalmente mestiça; os ditos de esquerda os acusam de dividir a luta de todos os oprimidos, cuja identidade numa sociedade capitalista deveria ser a mesma de todo e qualquer oprimido.

Por fim, segundo Munanga, não é possível conciliar esses dois discursos. Faz-se necessário analisar o Brasil tal qual ele é, sociologicamente e culturalmente falando, e não se prender a uma projeção ideológica do país, que é moldada nas malhas do mito da democracia racial.

6.3 Raça X Etnia

O uso do termo “raça” para se referir ao povo negro causou e ainda causa muita controvérsia. O fato é que “raça” nos remete ao racismo, escravidão e imagens que permeiam o imaginário coletivo sobre “ser branco” e “ser negro” no Brasil. Entretanto, por mais controverso que seja, esse termo é o mais utilizado, tanto na mídia, quanto na vida cotidiana simplesmente porque ainda é o termo que consegue dar a dimensão mais próxima do que é o racismo que afeta as pessoas negras da nossa sociedade.

É importante ressaltar que, ao utilizar o termo “raça”, não estamos nos referindo ao conceito biológico de raças humanas, que estabelece a superioridade de uma e a inferioridade de outra, como era utilizado pela comunidade científica no século XIX. É utilizado com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do termo.

Nesse contexto, pode-se entender raça como uma construção social, política e cultural que são produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Aprendemos a ver negros e brancos diferentes por causa da forma como fomos educados. Aprendemos a comparar e classificar e, o que é pior, hierarquizar.

Em contrapartida, temos o termo “etnia” que é utilizado por alguns intelectuais que acreditam que ao falarmos em raça ficamos presos ao determinismo biológico. A intenção com a inserção desse termo era enfatizar que os grupos humanos não são marcados por características biológicas herdadas dos seus pais, mães e ancestrais mas sim por processos históricos e culturais.

Etnia é outro conceito utilizado para se referir ao pertencimento ancestral:

Um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, pelo menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero

agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas (CASHMORE, 2000: 196).

Apesar da teoria, não podemos falar só de etnia ao se tratar da dos negros por um simples motivo: durante a escravidão os negros foram invisibilizados e houve um apagamento de sua ancestralidade e identidade. Os escravos que eram trazidos para cá eram separados de seus familiares justamente com o objetivo de abafar qualquer ligação social e cultural com sua terra nativa.

O termo raça é o que mais faz jus ao povo negro, portanto, nega-lo não é uma opção. Etnia não é suficiente e não abarca a complexidade do assunto, principalmente se tratando de um povo cujo passado e história foram dizimados. Por esse motivo é que se falam em relações étnico-raciais.

6.4 Racismo

O racismo no Brasil vive uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou sistematicamente sua existência, porém as pesquisas mostram o contrário. O racismo em nossa sociedade se afirma por meio da sua própria negação.

A campanha intitulada “Onde você guarda seu racismo?”⁶ apresenta uma reflexão interessante. Segundo ela: *“as pesquisas de opinião pública revelam que 87% da população reconhece que há racismo no Brasil. Mas 96% dizem que não são racistas. Assim chegamos a um dos pontos-chaves da nossa campanha: existe racismo sem racista?”*.

Tomando o histórico da escravidão que ainda afeta a trajetória e inserção social dos descendentes de africanos poderemos compreender porque aprendemos a ver o negro como inferior por causa da sua pele ou do seu cabelo. Isso se deve ao fato de vivermos em um país com uma estrutura racista, onde a cor da pele de uma pessoa é mais determinante para seu destino social do que seu caráter e sua história.

⁶ A campanha “Onde você guarda o seu racismo?” é realizada pela iniciativa Diálogos Contra o Racismo que reúne mais de 40 instituições da sociedade civil na luta pela igualdade racial no Brasil. O seu objetivo é estimular o diálogo e a troca de ideias, incentivar mudanças de pensamentos, hábitos e atitudes, além de estimular o compromisso com a igualdade. Ela tem a missão de combinar propostas de mudanças e atitudes com a divulgação consistente de informações nos meios de comunicação.

Por um lado, o racismo é comportamento, uma ação resultante da aversão em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável como cor da pele, textura do cabelo, traços físicos, etc. É também por outro lado um conjunto de ideias referentes a grupos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores.

Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros e Jacques d'Adesky (2002), afirmam que o racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de variadas formas, em diferentes contextos e sociedades. Segundo eles, o racismo se expressa de duas principais formas: individual e institucional.

Na forma individual o racismo se manifesta por meio de atos discriminatórios de indivíduo contra indivíduo, podendo chegar a violência física e agressões. Na forma institucional, o racismo é amparado pelo próprio Estado, de forma direta ou indireta. Se manifesta sob forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas, universidades e empregos. Também pode ser observado nos livros didáticos, na mídia e nas propagandas, onde a imagem do negro é deturpada, estereotipada e equivocada.

6.5 Democracia Racial

Apesar de toda a violência do racismo e de toda desigualdade social latente, a sociedade brasileira construiu um discurso que narra a existência de igualdade entre brancos e negros. Esse tipo de interpretação errônea e equivocada da realidade racial brasileira é tido como *mito da democracia racial*. Ao falarmos de mito, estamos nos referindo a:

escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história e transformá-la em 'natureza'. Instrumento formal da ideologia um mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas. Enquanto produto econômico-político-ideológico, o mito é um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação (SOUZA, 1983: 25).

As estatísticas sobre desigualdade racial na educação, no mercado de trabalho, e na saúde revelam que tal situação não existe de fato. O mito da democracia racial pode então ser entendido como uma corrente ideológica que tem a clara intenção de negar a

desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil e perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações.

O Movimento Negro tem sido extremamente importante na desmistificação do mito da democracia racial no Brasil. As pesquisas, as estatísticas sociais, as denúncias e reivindicações do Movimento Negro têm revelado que assim como a nossa sociedade ainda “não se democratizou nas suas relações sociais fundamentais, também não se democratizou nas suas relações raciais” (MOURA, 1998: 72).

6.6 Negro, Corpo e Cabelo: Rejeição, Aceitação e Ressignificação

O indivíduo negro está inserido em um processo coletivo marcado pela presença de um conflito de rejeição/aceitação da raça. O que caracteriza esse conflito não é só o sentimento de rejeição ao corpo, ao cabelo e as questões culturais negras. Existe uma tensão, um sentimento ambíguo, que ao mesmo tempo que rejeita, também aceita esse corpo, esse cabelo e essa cultura.

Segundo Nilma Lino Gomes (2008, p. 124), o processo tenso e conflituoso de rejeição/aceitação do ser negro é construído socialmente e permeia todos os ciclos de desenvolvimento da vida desse indivíduo: infância, adolescência, juventude e vida adulta. A inserção do negro em outros espaços sociais pode contribuir para que ele repense a situação, para que problematize e enfrente esse conflito. É importante ressaltar que esse conflito passa, necessariamente, pelo corpo e isso inclui o cabelo.

Nilma Lino Gomes, em seu livro *Sem Perder a Raiz* (2008), realizou uma série de entrevistas com donos de salões étnicos e seus frequentadores. Em uma de suas entrevistas, um dos entrevistados falou sobre o conflito construído socialmente:

Pra gente sempre era colocado o seguinte: você tem que casar com uma pessoa de pele clara. Pra quê? Pra apurar a raça, pra os seus filhos ficarem bonitos e não sofrerem tanto preconceito. E isso foi passado não só na família, mas também na escola, com os amigos (GOMES, 2008: 122).

A rejeição do corpo negro pelo negro engloba até mesmo a questão da afetividade. Toca em questões profundas: a escolha de um parceiro, a aparência desejada para os filhos. Nesse caso a rejeição se projeta para o futuro. O tipo de cabelo influencia a escolha. O cabelo aqui simboliza a possibilidade de embranquecimento ou seu impedimento.

A distância social entre negros e brancos é uma construção política, social e cultural, que se baseia na crença da inferioridade do negro e da supremacia branca. Dessa forma, atribui-se um sentido negativo às diferenças culturais, físicas e estéticas como as crenças, a arte, o corpo, a cor da pele, o tipo de cabelo, etc. Segundo Rodrigues (1986, p. 30) as distâncias sociais podem ser superadas ou não, reversíveis ou irreversíveis.

Esse processo, muitas vezes, é incorporado pelos próprios negros, que passam a acreditar que esse distanciamento é algo natural. Os negros que são psicologicamente convencidos dessa falsa realidade desenvolvem estratégias que acreditam aproximá-los da posição socialmente mais desejável: manipulam e modificam os símbolos que podem ser vistos como expressão de sua identidade negra. Essa manipulação do corpo e do cabelo tem sentido de aproximação do pólo branco e afastamento do negro.

O ser humano tem uma necessidade latente de reconhecimento. Essa aspiração pode ser consciente ou inconsciente, mas existe e diz respeito a algo universal: pedimos ao outro que reconheçam nossa existência e que confirmem nosso valor. Como diz Todorov: “Podemos ser indiferentes à opinião dos outros, mas não conseguimos ficar insensíveis à falta de reconhecimento de nossa própria existência” (1996, p. 94).

Quando a sociedade brasileira olha para o negro diz que ele não é digno de um lugar de beleza, ela faz um julgamento em relação ele, que pode ou não ser internalizada por esse indivíduo. É importante ressaltar que para o negro, o estético é indissociável do político. A beleza negra faz com que o negro se firme no seu grupo social e racial.

Sendo assim, a vivência desse movimento de rejeição/aceitação do cabelo crespo e do corpo negro pode ser dolorosa e libertadora, consciente e inconsciente. Pode até ajudar na desconstrução das representações negativas construídas sobre o negro ao longo da história.

6.7 Africanidade

Mesmo sob o crivo do preconceito, que é estrutural nas nossas relações raciais, podemos afirmar que existe no Brasil um movimento ambíguo de aproximação/afastamento das referências negras e africanas. Muitas vezes isso se dá de maneira difusa e se mistura com questões de moda e estilo (GOMES, 2008, p.293)

Nilma Lino Gomes (2008), em seu livro *Sem Perder a Raiz* fala sobre a questão da Africanidade e ressalta que, por mais que politicamente seja importante resgatar as raízes ancestrais africanas, não podemos nos esquecer de que, para nós, negros e negras brasileiros, essas referências se apresentam completamente alteradas. Esse processo de resgate atinge a mulher negra nas mais diversas dimensões da sua vida e possibilita o surgimento de diferentes versões sobre a beleza negra e a recriação de estilos de cabelo e de penteado.

Entretanto, essa necessidade de busca de referências ancestrais africanas coloca-nos diante de uma séria constatação: após anos de abolição, o negro e a negra brasileiros continuam estrangeiros na sua própria terra. Por mais que já tenhamos construído experiências culturais tipicamente brasileiras, elas não são suficientes para a construção da nossa identidade enquanto grupo étnico/racial. Precisamos reportar a África como raiz da nossa identidade. Tudo isso coloca por terra a tão propagada identidade nacional e a democracia racial. (GOMES, 2008, p.270)

Sobre a questão do significado profundo dos cabelos, Kabengele Munanga diz:

Para que os elementos culturais africanos pudessem sobreviver à condição de despersonalização de seus portadores pela escravidão, eles deveriam ter a priori, valores mais profundos. A esses valores primários, vistos como continuidade, foram acrescentados novos valores que emergiram do novo ambiente (2000, p.99)

Não é só por vaidade ou por não se sentirem satisfeitos com sua aparência que as mulheres negras dão tanta atenção ao cabelo. Manipular o cabelo é uma das várias formas de expressão corporal e da cultura, as quais remetem a uma raiz ancestral.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Cabelo veio da África

Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges

Rebolos, bundos, bantos

Batuques, toques, mandingas

Danças, tranças, cantos

Respeitem meus cabelos, brancos”

(Chico César)

O cabelo sempre foi uma questão conflituosa em minha vida. Em todas as etapas lá estava o conflito com o cabelo tendo que ser lidado por uma pessoa ingênua, frágil, sem formação política e que não entendia a bagagem histórica que aquilo representava.

Com a fase jovem-adulta, não só comecei a entender a minha relação com o cabelo, o que ele realmente significava, como conheci várias meninas e mulheres que se encontravam exatamente na mesma situação que a minha. Eu não era única, afinal. Existiam pessoas que entendiam meus conflitos e que poderiam me ajudar.

A partir daí comecei a me interessar pela relação das mulheres negras com o cabelo crespo. Percebi que estética e política, nesse caso, são indissociáveis. Entendi que o cabelo crespo é um ato político, que diz muito sobre a mulher que decidiu assumi-lo.

Nossa sociedade atual ainda vive um momento de retrocesso quando a questão é representatividade das mulheres negras. Estamos muito aquém do esperado. As representações ainda são previsíveis e racistas. A mulher negra continua invisibilizada e renegada ao espaço de “globeleza”. Os produtos e cosmético ainda visam o ideal eurocêntrico e a mulher negra segue sem ser vista.

Com esse trabalho pude unir a teoria e a prática. Pesquisei sobre o assunto, li livros e autores que falavam sobre o tema, me aprofundei e, ao final, as pesquisas que eu fiz e os

autores que eu li responderam minha indagação inicial: o cabelo pode ajudar a construir a identidade das mulheres negras e as ajudam a se identificarem como tal. Afinal, tornar-se negro é um processo. A partir dessa afirmação foi possível elaborar um ensaio fotográfico que ressaltasse a beleza, a força e o poder do cabelo crespo.

Os objetivos de abalizar o racismo institucionalizado no Brasil, problematizar o branqueamento racial, dissertar sobre o mito da democracia racial, refletir sobre o cabelo como ato político, explicitar a construção da identidade negra, exemplificar as várias possibilidades do cabelo crespo, exaltar a beleza negra e mostrar o poder que a mulher negra tem foram todos cumpridos, tanto de forma teórica quanto prática.

Fazer esse trabalho foi uma descoberta e uma forma de autoafirmação. É um manifesto empoderador. Por ser um trabalho extremamente pessoal, fiz questão de me colocar nele literalmente (além de fotógrafa também fui uma das modelos). Falando do lugar de mulher negra brasileira, consigo entender quais são as questões psicológicas que permeiam esse assunto e no fim acabei conhecendo a mim mesma também.

Foi um trabalho incrível em que me envolvi profundamente com todas as etapas. Tudo o que está escrito aqui e tudo o que foi produzido faz parte da minha socialização como mulher negra. Não teria forma melhor de finalizar meu curso, consegui unir minha militância, meu processo de descoberta da minha identidade, fotografia e mulheres negras incríveis. Foi empoderador e extremamente gratificante.

8. REFERÊNCIAS

BLOG Blogueiras Negras. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/06/05/sobre-os-meus-cabelos-crespos/>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

BOURDIEU, Pierre. Comentários provisórios sobre a percepção social do corpo. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Tradução de Sonia Giacomini. Paris: College de France, No. 14, 1977, pp. 51-54

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CÉSAR, Chico. *Respeitem meus cabelos brancos*. 2009.

CHEANG, Sarah. Roots: hair and race. In: BYRD, Ayana (Org.); THARPS, Lori (Org.). *Hair: styling, culture and fashion*. Oxford: Berg Publishers, 2008, pp. 27-42.

COSTA, Gal. *Cabelo*. 1990.

CUTI, Luiz S. *Ferro*. São Paulo, 2007.

D'ADESKY, Jacques. *Racismos e anti-racismos no Brasil. Pluralismo étnico e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DJOKIC, Aline. *Da minha consciência ancestral*. 2013.

EMICIDA, Leandro. *Milionário do Sonho*. São Paulo, 2013.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GARCIA, Débora. *Genealogia*. 2014.

GIACOMINI, Sonia. Estereótipos e preconceito racial no Brasil. In: PAIVA, Angela (Org.). *Notícias e reflexões sobre discriminação racial*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Pallas, 2008, pp. 77-96.

GOMES, Nilma. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

GOMES, Nilma. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GRUPO FACEBOOK Cacheadas em Transição. Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/487145284650001/?fref=ts> > Acesso em: 14 de jun. 2016.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

NOVAES, Silvia Caiuby. *Jogo de espelhos*. São Paulo: EDUSP, 1993.

PLANT, Natura. *Cabelo Meu*. São Paulo, 2011.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*, Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SYNNOTT, Anthony. Hair: shame and glory. In: *The body social: symbolism, self and society*. Oxford: Taylor & Francis e-Library, 2002, pp. 103-127.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros – a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

VIDAL, Julia. *O Africano que existe em nós, Brasileiros*. Rio de Janeiro: Babilonia Cultura Editorial, 2014.

VLOG Rosajorosa Disponível em < <https://www.youtube.com/user/Rosajorosa> > Acesso em: 14 de jun. 2016.

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

9. ANEXOS

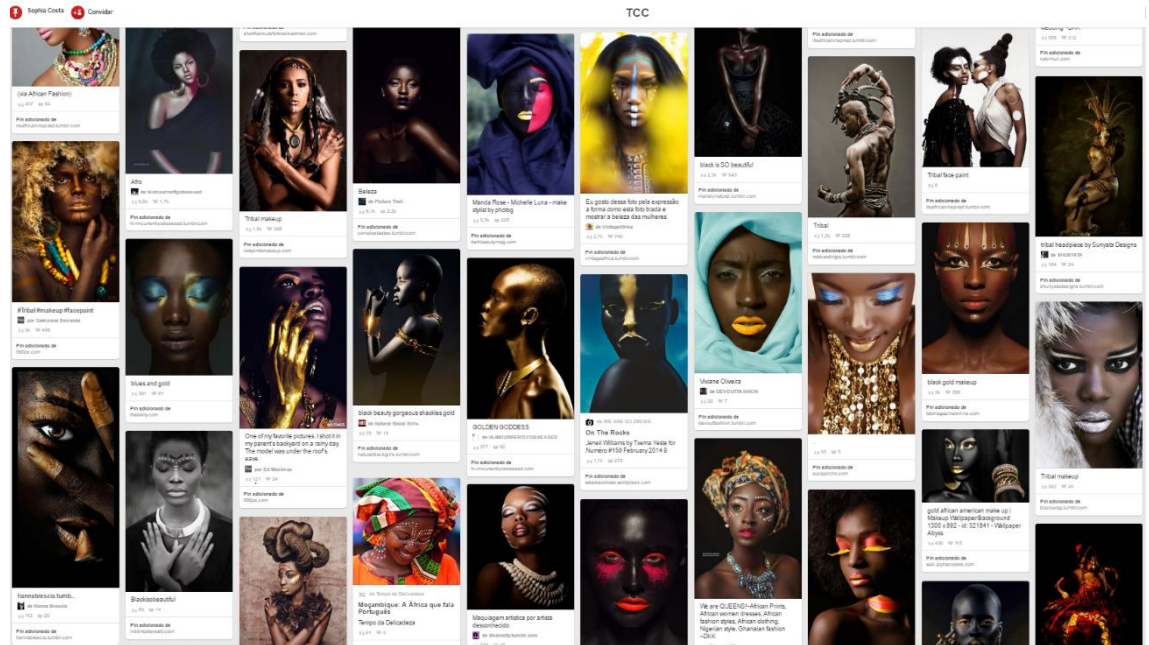
9.1 Orçamento e Cronograma

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Tecidos (organza, voal, cetim)	4m	R\$12	R\$48
Acessórios de artesanato	-	-	R\$120
Materiais de Papelaria	-	-	R\$ 40
Cabelo sintético	5 pacotes	R\$35	R\$175
Juta	2 metros	R\$13	R\$26
Cabo P2	1	R\$3,00	R\$3
Cabo sincronizador	1	R\$35,00	R\$35
Fotos 50x75	12	R\$30	R\$360
Laminação fosca nas fotos	12	R\$25	R\$300
PVC adesivado + foto	12	R\$52	R\$625
Logo em PVC adesivada	1	R\$170	R\$170
Placas (A4) adesivadas com poesias	7	R\$55	R\$55
Livro de assinatura	1	R\$150	R\$150
Aluguel refletores	5	R\$30	R\$150
Aluguel caixa de som	1	R\$250	R\$250
Tinta Acrílica fosca	1	R\$30	R\$30
Rolinhos de tinta	2	R\$5	R\$10
Fita 3M	2	R\$36	R\$36
Sisal	3	R\$12	R\$36
Pisca-Pisca	7	R\$17	RS119
Sucos Sucopira	3 (15 litros)	R\$20 (5 litros) + R\$13 frete	R\$73
Patês (abobrinha, abóbora, berinjela, ricota)	-	-	R\$250
TOTAL			R\$3.061

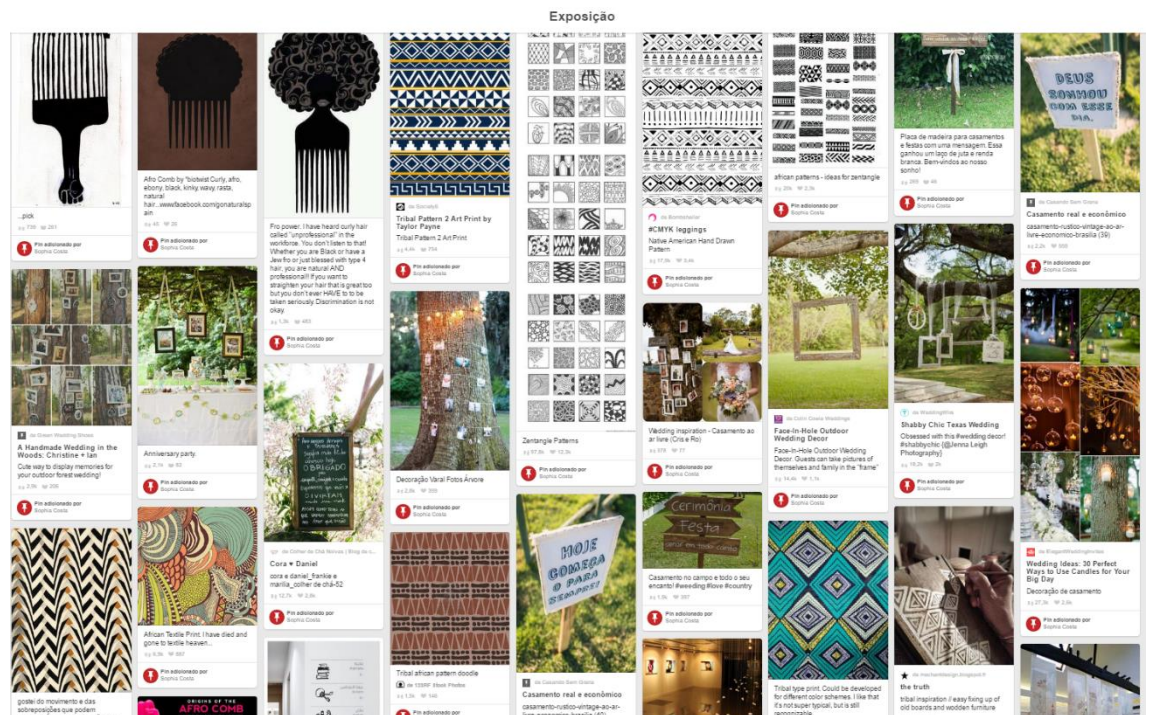
PERÍODO	FASE DO TRABALHO
Agosto, setembro, outubro novembro / 2015	- Análise bibliográfica
Março	- Finalização da parte teórica
Abril	<ul style="list-style-type: none"> - Definição do produto; - Definição do conceito do ensaio; - Escolha da locação das fotos; - Escolha das modelos; - Biografia das personagens; - Desenho das fotos; - Set de fotografia
Maior	<ul style="list-style-type: none"> - Edição das fotos; - Escolha do local para a exposição; - Criação da identidade visual; - Criação da fanpage no facebook; - Criação do evento.
Junho	<ul style="list-style-type: none"> - Impressão das fotos; - Confecção do livro de assinatura; - Montagem da exposição.

9.2 Pinterest

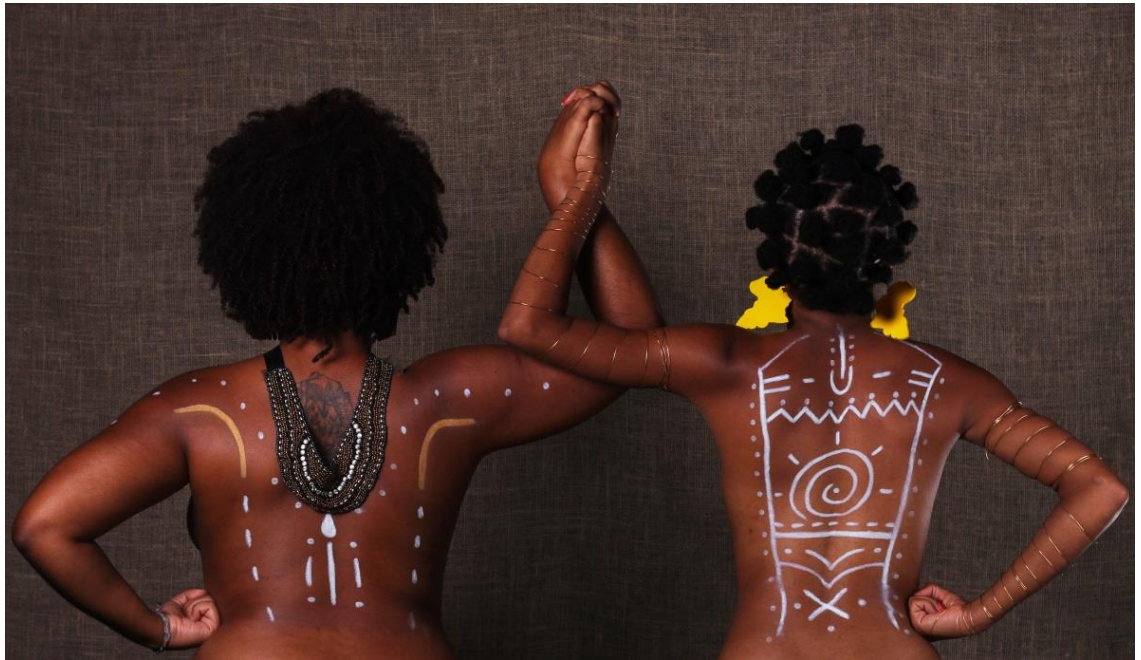
Pasta TCC:



Pasta Exposição:



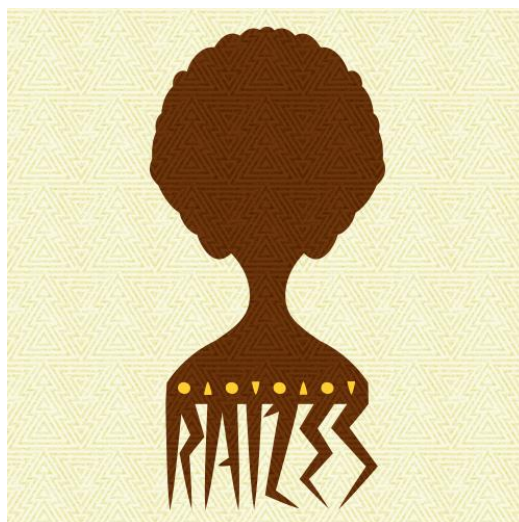
9.3 Making Of





9.4 Facebook

Logomarca e Capa:



CABELO QUANDO CRESCE É **TEMPO**
CABELO EMBARAÇADO É **VENTO**
CABELO VEM LÁ DE **DENTRO**
CABELO É COMO **PENSAMENTO**

Evento:

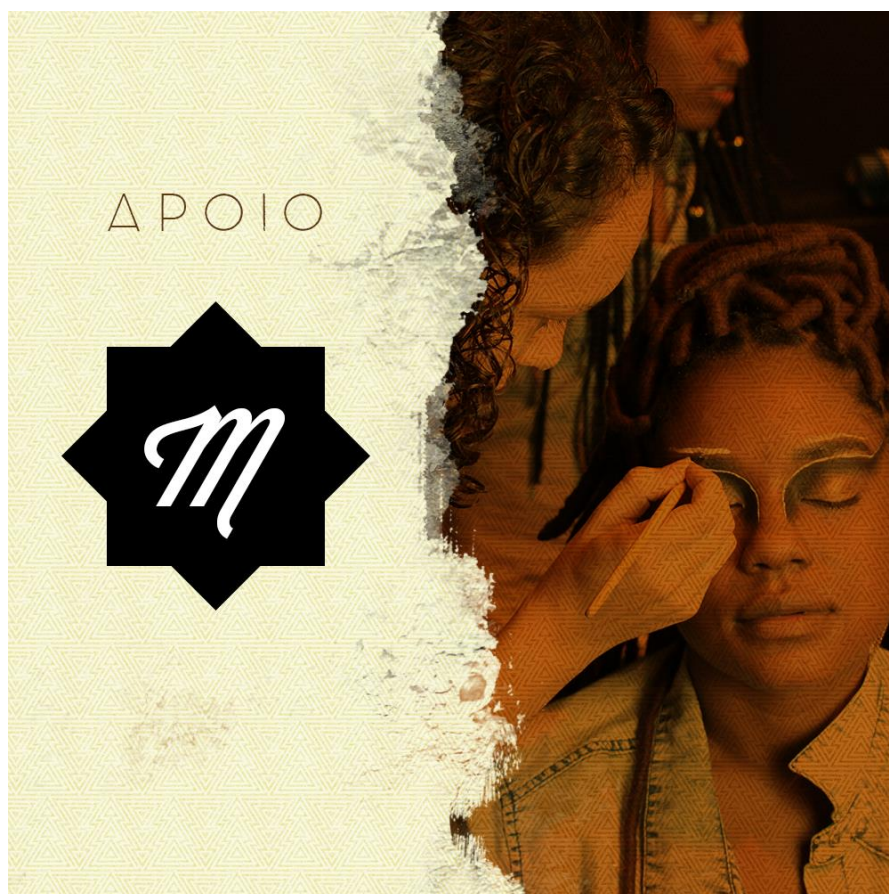


Posts:









EXPOSITORAS
PRETA FLOR **MINA NAGÔ**
AFRIKANUS



Δ ATRAÇÃO **DJ DONNA**



9.5 Mídia:

Metrópoles



 **24°** Min 15° Máx 26°

TRÂNSITO AGORA

DFENTRETENIMENTOGASTRONOMIAVIDA & ESTILOSAI DO SÉRIOBRAZILMUNDOESPORTESPONTO DE VISTACOLUMNAS E BLOGSMAIS



Exposição explora o papel do cabelo na identidade da mulher negra

Mostra "Raízes", da estudante Sophia Costa, tem o objetivo de mostrar que o cabelo é, além de um elemento estético, também um discurso político

Geledés



ÁREAS DE ATUAÇÃO

QUESTÃO RACIAL

QUESTÕES DE GÊNERO

EM Pauta

DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITOS

ÁFRICA E SUA DIÁSPORA

GUEST POST > amário que quero passar com meu amor > Negra, branca ou não branca? > "Se a solução não passar pelas mulheres. Não poderá se chamar solução" > O que as ocupações das escolas g



Home > Questões de Gênero > Mulher Negra

Exposição explora o papel do cabelo na identidade da mulher negra

Data: 13/06/2016 em: Mulher Negra

 [Seguir @geledes](#)

Pesquisar

CELEBRAÇÃO

Amanhã é comemorado o Dia da Libertação da África em reconhecimento à luta pela descolonização dos países do continente

Da 1.ª de fevereiro de 2010, a Associação Brasileira de Museus (ABRAMUS), 28.º aniversário, celebra a data especial para quem tem como missão promover o diálogo da literatura com a história e a cultura. O Brasil, por exemplo, é o primeiro país a fazer um encontro desse tipo, com o lançamento da 1.ª edição do livro *Brasil, 1938-1964: a literatura e a história*, organizado por Carlos Augusto de Oliveira e publicado pela editora Tróika. O livro é uma coletânea de textos de autores brasileiros e estrangeiros, com o objetivo de mostrar a importância da literatura para a história e a cultura. O livro é dividido em duas partes: a primeira, com textos de autores brasileiros, e a segunda, com textos de autores estrangeiros. O livro é uma coletânea de textos de autores brasileiros e estrangeiros, com o objetivo de mostrar a importância da literatura para a história e a cultura. O livro é dividido em duas partes: a primeira, com textos de autores brasileiros, e a segunda, com textos de autores estrangeiros.

«O Dia Internacional da África foi instituído em 1974, pela Organização das Nações Unidas (ONU). A data foi escolhida como comemoração ao dia 25 de maio de 1963, quando ocorreu a Declaração da independência da África. Nações Unidas, capital de 1963». A comissão virou a trabalhar a elaboração do conteúdo da celebração com o intuito de mostrar a importância da África no mundo, sua história, suas conquistas e sua luta por liberdade e desenvolvimento econômico. Também, a Comissão da Organização das Nações Unidas (1974), que teve como objetivo estudar a situação e a realidade da África, promover o desenvolvimento, garantir a soberania dos Estados Africanos e a sua integração econômica, além de fornecer a cooperação política e social no continente.

[illegible]

Núcleo de Estudos Periféricos do Departamento de História da UFMG (DEHP) e o ano de 2013. Hoje, após sua transformação em Autarquia da mesma universidade, o DEHP é responsável pela direção da água no município de Belo Horizonte, sendo a única unidade autônoma brasileira que vem desenvolvendo sua atuação disciplinar que permeia os campos de História, Geografia, Física, Química, Engenharia e Matemática, com ênfase na formação profissional, "científica", "cultural" e "cívica". A conclusão, ainda, que a sua missão tem sido de proporcionar aos estudantes uma formação para a atuação na gestão da sustentabilidade através das competências e habilidades adquiridas.

[illegible][illegible]

"Embora a data tenha sido escolhida apenas para comemorar a criação do primeiro sistema de transporte público urbano, esse dia não é nem mais do que um lembrete para que a população esteja atenta para as condições de funcionamento e manutenção dos sistemas de transporte público", declarou Roberto Costa, coordenador da Fao Transportes, que comemorou o aniversário de 100 anos do primeiro sistema de transporte público urbano, o chamado "bonde paulista", em 1907. O aniversário foi comemorado, além de outros eventos, com uma reunião com a imprensa, no dia 10/07.

A falta, sim, de uma política de inclusão social para a comunidade brasileira, não nos impede de pensar que a religião é uma prática social que pode ser utilizada para promover a inclusão social e a cidadania. A religião, portanto, pode ser utilizada para promover a inclusão social e a cidadania. A religião, portanto, pode ser utilizada para promover a inclusão social e a cidadania.

Interviu de Otilia de Iordăneanu la conferința de presă, după un eveniment în cadrul căruia s-a prezentat un spectacol de dansuri tradiționale din regiunile de frontieră ale României și Ungariei.

Cabele
 Ainda não passaram de alfinetes na cabeça, mas os cabelos, e caber os aparatos como flocos no cabelo, são de sua grande importância. Segundo Cássia, é melhor estar de "Publicidade não sei, mas, a cabeça sempre limpa". Enquanto a grande mídia se esforça para que o cabelo seja sempre mais alto, mais colorido, e, ainda assim, sempre em sua primeira condição de beleza, para ser o cabelo da "Comunidade Brasileira" (C23), a cabeça brasileira tem que permanecer a cabeça, e a forma de expressar beleza através do cabelo é sempre, segundo ela, a própria "boa e verdadeira" com referência ao que ela acha de bom no cabelo e na aparência da população de cabelos "bons".

Tras el desmoronamiento de la Unión Soviética, surgió el debate sobre la posibilidad de aplicar los principios de la democracia socialista en el mundo. En este contexto, el PUS se planteó el desafío de redefinir su identidad y su rol en la sociedad. En consecuencia, el partido se transformó en el Partido Socialista de la Unión (PSU), un paso que marcó el inicio de su adaptación a las nuevas condiciones políticas y económicas de la región.



Sophia Costa (abaixo) é modelo do próprio ensaio, de título *Ruínas*, do qual fazem parte 12 mulheres negras que exibem a estética da África



Rede Brasil Atual:

RBA
Rede Brasil Atual

POLÍTICA ECONOMIA CIDADANIA TRABALHO MUNDO AMBIENTE SAÚDE E

CULTURA

Compartilhar 137 G+ 0 Tweetar

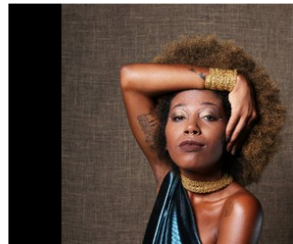
BRASÍLIA

'A aceitação do cabelo afro não é só uma questão estética, é política'

Exposição 'Raízes', de Sophia Costa, aborda o papel do cabelo na construção da identidade da mulher negra

por Xandra Stefanel, especial para RBA | publicado 23/06/2016 17:11, última modificação 23/06/2016 17:26

Alisamentos, relaxamentos, hidratações constantes. Desde criança, Sophia Costa tinha uma rotina intensa para deixar seu cabelo afro o mais liso possível. Desde os 13 anos, ia ao cabeleireiro semanalmente para lavar e fazer escova. Quando entrou na faculdade de Publicidade e Propaganda, na Universidade de Brasília (UnB), notou que muitas garotas assumiam o cabelo afro e descobriu, enfim, a beleza de deixá-los naturais. Foi dessa experiência pessoal que nasceu a exposição *Raízes*, que fica em cartaz de amanhã (24) a 3 de julho no Terraço Shopping, em Brasília.



Hypeness:

hypeness *Inovação e criatividade para todos.* [web](#) [contato](#)

arte decoração design estilo fotografia inovação inspiração negócios publicidade sustentabilidade viagem

Exposição exalta a importância do cabelo para a identidade da mulher negra

Afropunk:



Sophia Costa's 'Raizes', or 'Roots', exhibition highlights the importance of hair to black women and their identities. Hair in the black community is always a touchy subject, particularly when it comes to the post-colonial diminishment and shame projected onto our natural textures by white culture. 'Raizes' aims to visualize how black femme identity is wrapped up in the perception of hair and to reclaim self-love for and pride in natural hair and heritage. From the project: "First the iron brand violence back / After iron smooths shame in hair / In fact what is needed is playing iron out / And break all links in the chain despairs."

By Erin White*, AFROPUNK contributor

G1:



9.6 Livro de assinatura:



9.7 Exposição:



PRIMEIRO O FERRO MARCA A VIOLÊNCIA
NAS COSTAS
DEPOIS O FERRO ALISA A VERGONHA
NOS CABELOS
NA VERDADE O QUE SE PRECISA É JOGAR
O FERRO FORA
E QUEBRAR TODOS OS ELOS DESSA
CORRENTE DE DESESPEROS

CUTI

ABOBRINHA







9.8 Fotos Finais



DEUSA IANSÃ. Raízes, 2016.

Modelo: Jacira Doce



DEUSA NANÃ. Raízes, 2016.

Modelo: Lorena Monique



DEUSA OXUM. Raízes, 2016.

Modelo: Verônica Gomes



DEUSA OBÁ. Raízes, 2016.

Modelo: Sophia Costa



GUERREIRA ZUNDURI. Raíces, 2016.

Modelo: Beatriz Ferraz



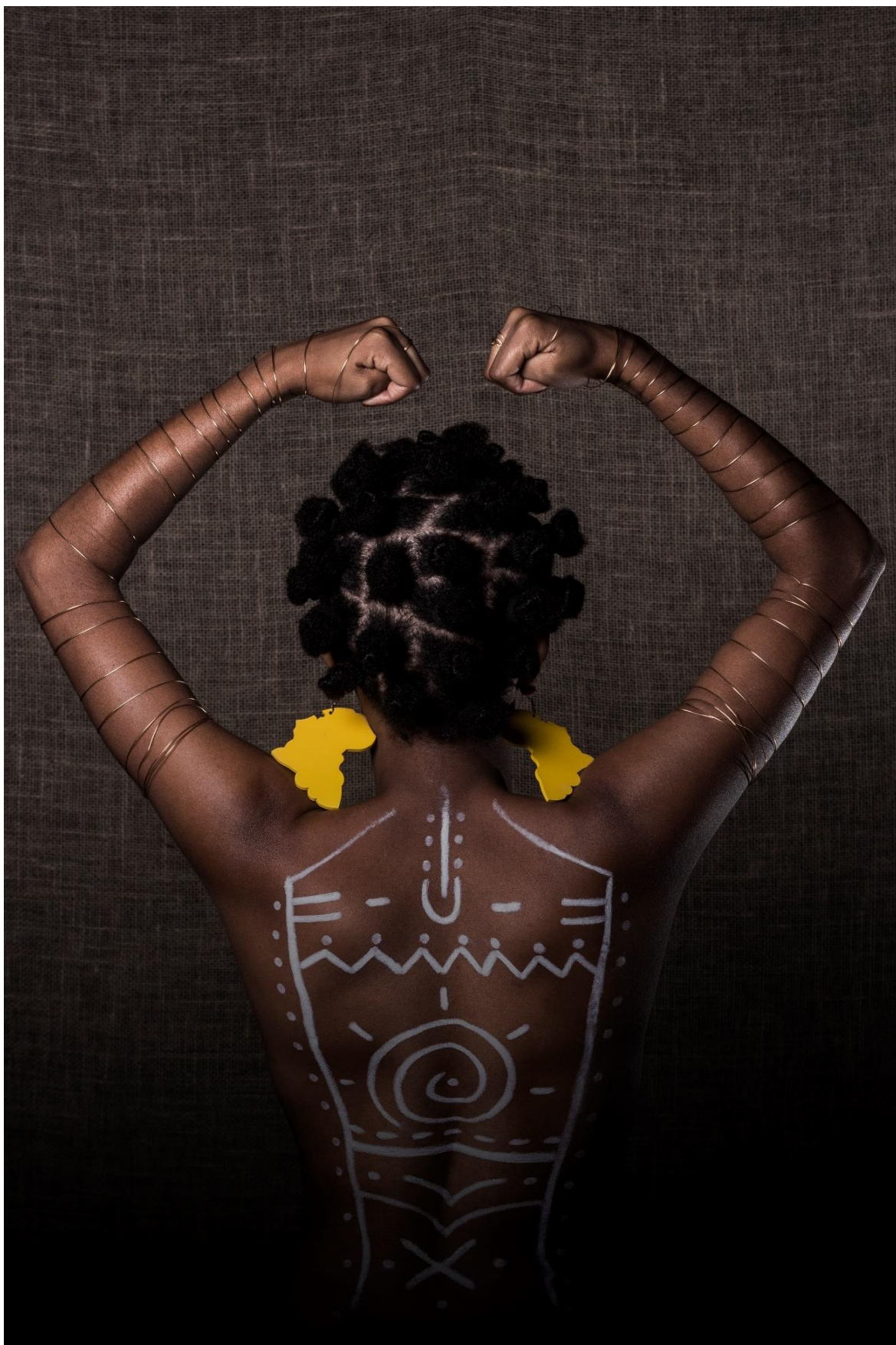
GUERREIRA NEHANDA. Raízes, 2016.

Modelo: Helena Rosa



GUERREIRA DANDARA. Raízes, 2016.

Modelo: Mônica Oliveira



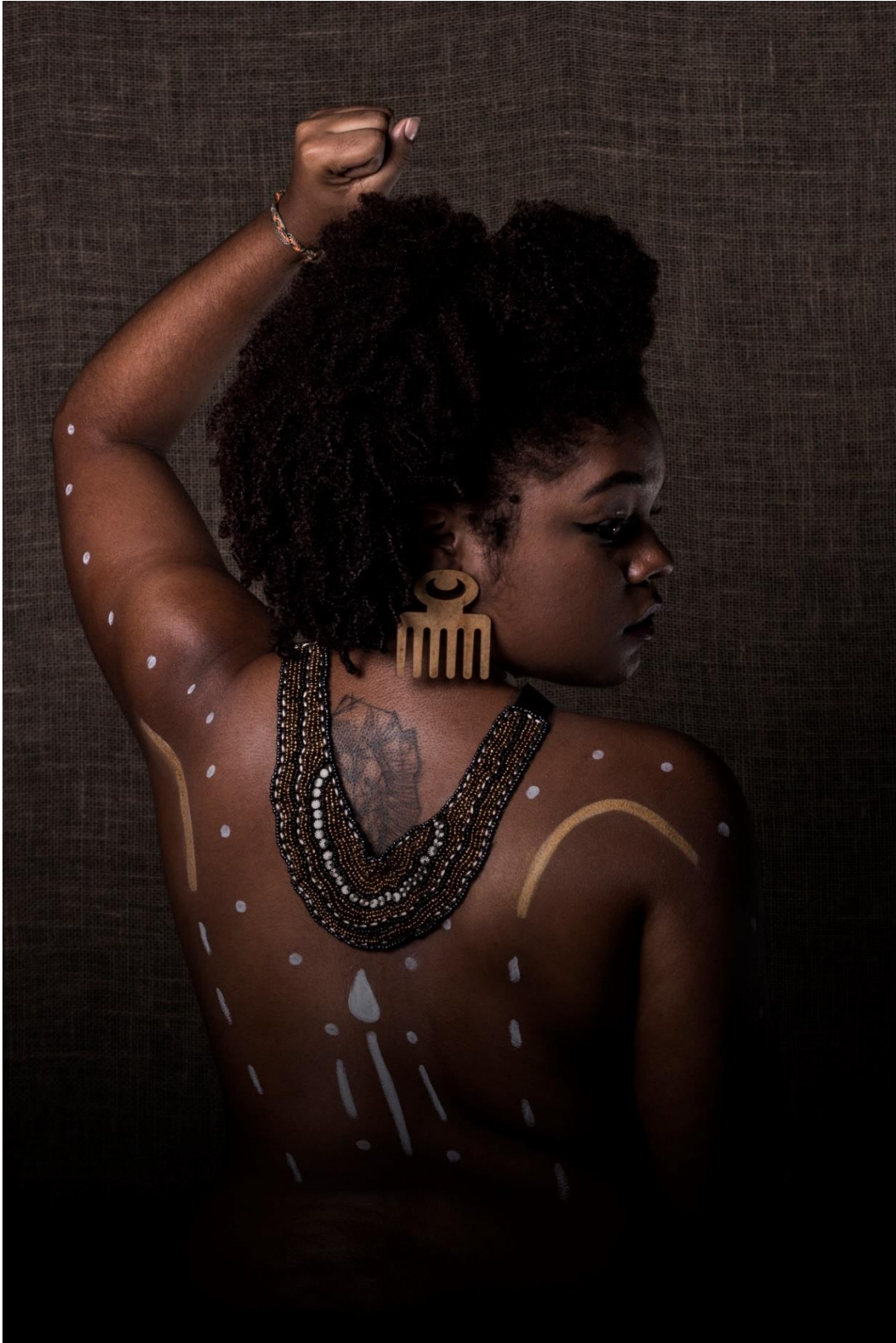
GUERREIRA ASHANTI. Raíces, 2016.

Modelo: Stella Sabino



RAINHA QUÊNIA. Raízes, 2016.

Modelo: Flávia Martins



RAINHA NZINGA. Raízes, 2016.

Modelo: Laiana Rodrigues



RAINHA MAKEDA.. Raízes, 2016.

Modelo: Ludymilla Chagas



RAINHA URBI. Raízes, 2016.

Modelo: Maria Emanuele

9.9 Ficha Técnica

Fotografia: Sophia Costa

Iluminação: Caio Mota

Produção: Sophia Costa

Edição: Caio Mota

Maquiagem: Maria Elisa Medeiros

Produção Exposição: Marina Ximenes

Identidade visual: Adalberto Sampaio

Modelos:

Beatriz Ferraz

Flávia Martins

Helena Rosa

Jacira Doce

Laiana Rodrigues

Lorena Monique

Ludymilla Chagas

Maria Emanuele Alves

Mônica Oliveira

Sophia Costa

Stella Sabino

Verônica Gomes